

## COMENTÁRIOS SOBRE COLUMBUS RUNS AGROUND: CHRISTMAS EVE, 1942 (STEPHEN GREENBLATT)\*

Ilana Blaj\*\*

O texto do prof. Stephen Greenblatt, por ser extremamente rico e denso, nos coloca uma série de questões para a reflexão. Selecionarei aqui alguns pontos de ordem teórico-metodológica e outros que se referem à análise histórica propriamente dita para começarmos o debate.

O senhor inicia sua exposição contrapondo duas correntes conhecidas hoje como a "visão do vencedor" e a "visão dos vencidos". Felizmente este tipo de abordagem já ultrapassou, em nossos dias, seu esquematismo inicial onde cada um destes polos era visto como um polo estanque e necessariamente contraposto ao outro que seria sua antítese. Assim, ao conquistador tirânico, sanguinário e mercantil por excelência teríamos o indígena obediente, dócil, e inocente; ou, em outro extremo: ao europeu cristão que viria, em missão histórica, salvar o habitante da terra das trevas do paganismo e trazer a civilização às Américas se oporia o indígena canibal, violento e bárbaro. Como o senhor aponta: hoje, tanto os índios quanto os europeus ganharam densidade histórica, não sendo mais tratados de forma monolítica, como alegorias. Os europeus são compreendidos em sua angústia onde debatem-se com valores que não manipulam mais de forma segura e, em relação ao indígena, há toda uma preocupação em identificar, em reconhecer suas histórias alternativas, seus relatos diferenciados, suas vozes abafadas<sup>1</sup>.

Mas, há outras tendências expressas em seu texto pelas posições de Inga Clendinnen onde se aponta a impossibilidade da compreensão, onde se acentua a opacidade do outro apesar do desejo comum de tornar legível a

\* Debate presidido por José Carlos Sebe Bom Mehy ocorrido em 30/03/92, no Anfiteatro do Depto de História/USP com a participação do Prof. João Alexandre Barbosa e da Profª. Ilana Blaj como comentadores.

\*\* Professora do Departamento de História da USP.

1 GREENBLATT, Stephen, *Columbus runs aground: Christmas Eve, 1942*, texto inédito, pgs. 2, 3 e 4.

história na qual tanto conquistadores quanto conquistados foram mergulhados. A referida autora chega a questionar o próprio papel do historiador que teria a compulsão de modelar uma narrativa coerente, e portanto autoritária, a partir dos fragmentos, dos emaranhados do passado.

Este breve retraçar de algumas tendências da historiografia contemporânea acerca dos descobrimentos e da própria conquista nos coloca vários problemas. No limite, o que Inga Clendinnen aponta é a impossibilidade do conhecimento histórico e portanto da própria História. Ora, o trabalho do historiador bem como dos cientistas sociais é o de tentar busca o concreto possível dentro do próprio fluir da história pois é no concreto enquanto processo social que se pode detectar os vários dinamismos possíveis. É este o debate que envolve a "compreensão histórica" (*verstehen*) e que significa um determinado tipo de conhecimento que é sempre relativo em aproximação ao objeto, sendo relativo por ser parcial, pois não pretende encontrar a permanência, a verdade absoluta e sim buscar uma ponte possível entre a fluidez do objeto e do próprio sujeito do conhecimento. É dentro deste relativismo, por exemplo, que podemos compreender o conceito de Pierre Clastres do "ser guerreiro" como um conceito que busca a compreensão das tribos indígenas americanas contrapostas a ética do "ser trabalhador"<sup>2</sup>. Este conhecimento seria possível na acepção de Inga Clendinnen? Como o senhor se situa perante este debate? Digo isto porque em outro artigo de sua autoria<sup>3</sup> o senhor afirma que "... se somos assim forçados a abandonar o sonho da onipotência linguística, a fantasia de que compreender o discurso é compreender o evento, não somos ao mesmo tempo compelidos a, ou sequer nos é permitido, descartar completamente as palavras... Além disso, se certos aspectos cruciais do encontro europeu com o Novo Mundo estão além das palavras (e além da compreensão de qualquer dos participantes), os próprios europeus se esforçaram para colocar o máximo possível de sua experiência sob o controle do discurso. Como poderiam eles – ou, no que diz respeito a isto, como poderíamos nós – agir de outra maneira? E não é apenas como uma tentativa fútil de compreender o inimaginável que este discurso pode interessar-nos, mas também como um instrumento e como um fim de império". Poderíamos, a partir daí, inferir que a única possibilidade de compreensão,

---

2 CLASTRES, Pierre. "Arqueologia da violência: a guerra nas sociedades primitivas", in *Arqueologia da violência – ensaios de antropologia política*, SP, Brasiliense, 1982.

3 GREENBLATT, Stephen. "Maravilhosas Possessões", in *Estudos Históricos 3. Memória*, R.J., vol. 2, nº 3, 1989, p. 48.

por mais precária que fosse, se daria através da análise do discurso? Seria este o papel da literatura e da crítica literária para a História?

Ainda sobre a questão da "visão do vencedor" em contraposição à "visão do vencido", ou da compreensão do um pelo outro<sup>4</sup>: parece-me que, a partir do momento em que indígenas e europeus entram em contato, há toda uma relação dialética de afirmação e de transformação tanto a nível do real como a nível do discurso, onde europeus e indígenas, conquistadores e conquistados já não são mais os mesmos. São diferentes formas de intelecção que levam a múltiplas estratégias e inclusive a modificações na forma de enxergar o outro. Gabriel Soares de Sousa relata um caso ocorrido na Bahia na segunda metade do século XVI onde os indígenas, que antes permuíavam com os portugueses fornecendo-lhes alimentos, levantam-se contra o invasor sitiando-o em suas fortificações. Após uma semana de lutas os portugueses resolvem abandonar o local premidos pela falta de comida mas os índios convencem-nos a voltar prometendo paz e arrependendo-se de suas ações, alegando inclusive sentir falta das mercadorias que lhes eram dadas via escambo; quando os portugueses voltam são novamente atacados e praticamente todos foram mortos pelos indígenas inclusive o donatário<sup>5</sup>. Este relato revela toda uma estratégia por parte dos indígenas a partir de sua maneira de ver e de compreender o elemento europeu. Não seria o caso então de ao invés de se exacerbar o relativismo cultural adotar-se uma postura multiculturalista, como propõe Garry Wills em sua resenha no *The New York Review*?<sup>6</sup>.

Aliás, como o senhor analisa neste texto e em seu artigo já citado<sup>7</sup>, o próprio Colombo teria modificado sua visão em relação ao índio principalmente em sua terceira viagem; a passagem de uma edenização a uma espécie de detração do indígena não seria fruto desta relação dialética onde ambos os agentes se modificam e se transformam constantemente? Nos relatos dos cronistas coloniais portugueses a detração do indígena geralmente ocorre em relação às tribos que mais hostis se mostraram à própria conquista. Assim,

4 Estou aqui me referindo à análise de Tzvetan Todorov, *A conquista da América - a questão do outro*, SP, Martins Fontes, 1983.

5 SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, 5<sup>a</sup> ed., SP, Companhia Editora Nacional; Brasília, INL, 1987, p.73 e 74. O caso é também analisado por Alexander Merchant, *Do Escambo à Escravidão*, 2<sup>a</sup> ed., SP, Companhia Editora Nacional, Brasília, INL, 1980.

6 WILLIS, Garry. "Man of the year", in *The New York Review*, November, 21, 1991, p. 18.

7 Quanto à edenização do indígena ver Stephen Greenblatt, "Columbus rus aground", *op. cit.*, p. 20 e 21; em relação à detração, em sua terceira viagem, ver do mesmo autor, "Maravilhosas possessões", *op. cit.*, p. 49.

Gabriel Soares de Sousa louva os tupiniquins mas demoniza os aimorés<sup>8</sup>; Gandavo também retrata os aimorés ressaltando sua humanidade inviável, praticamente justificando a escravização do gentio da terra<sup>9</sup>. Como o senhor vê, no âmbito do maravilhoso, a detração? Ela se daria de forma mais freqüente quando há a descoberta das riquezas coloniais e a efetivação da colonização, ou ela já seria intrínseca à própria conquista?

Em outra parte deste texto, o senhor se propõe a resumir os princípios que caracterizam os mais recentes estudos dos acadêmicos sobre o Novo Mundo principalmente no que tange a análise textual; opacidade e complexidade textuais, a busca da textualidade do outro e o questionamento da autoridade do texto são os pontos que o senhor analisa.

O reconhecimento tanto da opacidade quanto da complexidade textual são por si só positivos pois levam, a meu ver, a uma relativização do conquistador europeu, e a uma necessidade de situá-lo em sua época, de perscrutar os seus valores, suas referências, enfim, de entendê-lo na sua própria situação histórica a qual, por sua vez, expressa, como o senhor muito bem coloca, "trajetórias de longa duração, necessidades materiais, estruturas sociais, padrões duradouros e muitas vezes inconscientes de desejos e de coerções"<sup>10</sup>. Ora, no bojo dos estudos atuais sobre Colombo não haveria, a seu ver, a necessidade de inserí-lo em seu próprio complexo social, o que representaria uma maneira de fugirmos das imagens cristalizadas sobre ele – herói ou tirano?<sup>11</sup> Aliás como o senhor vê os estudos mais recentes sobre Colombo?

Quanto à convergência assimétrica das situações históricas que norteiam as tentativas de compreensão cultural entre indígenas e europeus, não seria este o local privilegiado da História Social que, como diz Albert Soboul, só atinge a sua dimensão e seu sentido se levar a uma história da psicologia coletiva, se penetrar nas mentalidades próprias a cada grupo social. Ainda segundo o referido autor, a História Social tem que constantemente recorrer aos três níveis do tempo histórico: tempo breve, tempo cíclico

8 SOUSA, Gabriel Soares de. *op. cit.*, p. 87-88 e 78-80; a respeito da edenização veja-se Laura de Mello e Souza, *O Diabo e a terra de Santa Cruz*, São Paulo, Companhia das Letras, 1986, parte I.

9 GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil: História da Província Santa Cruz*, BH., ed. Itatiaia; SP., Edusp, 1980, p. 34-35; 52-58.

10 GREENBLATT, Stephen. "Columbus runs aground: Christmas eve, 1492", *op. cit.*, p. 8.

11 "...recolocar Colombo no seu pleno contexto histórico é um trabalho acadêmico já muito poster-gado", Garry Wills, *op. cit.*, p. 14.

e a longa duração pois só assim consegue chegar nas mentalidades e nas estruturas, articulando indivíduos e grupos, o social e o individual<sup>12</sup>. Conforme diz Ernest Labrousse: "O concreto colectivo, em graus diferentes é um concreto social. E encontramos aqui o social no centro, com todo o seu peso"<sup>13</sup>.

Ainda quanto à opacidade e a complexidade textual: se é praticamente impossível a compreensão do um pela visão do outro apreende-se, no entanto, a meu ver, através dos relatos coevos, não tanto o que ocorreu mas o que o relator gostaria que tivesse ocorrido, os seus anseios, suas tensões, seus desejos, o que gostaria que tivesse sido<sup>14</sup>. A recepção que as diversas tribos indígenas dão ao padre Fernão Cardim nos vários locais que visitou<sup>15</sup> provavelmente não é tão efusiva e alegre como o jesuíta relata mas, seguramente, é a recepção que ele gostaria de ter tido. Afinal, o plano dos desejos e das utopias também não é o plano da História?

Na questão da busca da textualidade do outro o senhor concorda com Michel de Certeau quando este afirma que a operação da escrita está articulada ao rumor de palavras que desapareceram tão logo foram murmuradas e que estão, portanto, perdidas para sempre<sup>16</sup>.

Mas, não é também próprio do ofício do historiador a busca de pistas, sinais, indícios, um trabalho quase que de detetive que corporificaria o que Carlo Ginzburg denomina de "paradigma indiciário"?<sup>17</sup> Muito antes Sérgio Buarque de Holanda já trabalhara magistralmente com indícios em Caminhos e Fronteiras onde, por exemplo, a partir do arrancar de sombrancelhas e pestanas de algumas tribos o autor chega na importância para os aborígenes e paulistas da cera e do mel<sup>18</sup>. Este eminente historiador lida nesta obra, constantemente, com sinais, pistas e indícios do fazer e refazer cotidiano para dar conta da oposição entre astúcia e poder, do tenso processo de assimilação

- 
- 12 SOBOUL, Albert. "Descrição e medida em História Social", in vários autores, *A História Social – problemas, fontes e métodos*, Lisboa, Edições Cosmos, 1973, p. 40-41.
- 13 LABROUSSE, Ernest. "Introdução à obra A História Social – problemas, fontes e métodos", *op. cit.*, p. 22.
- 14 A este respeito veja-se a introdução de Nicolau Sevcenko em seu livro *Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, SP., ed. Brasiliense, 1983.
- 15 CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*, BH., ed. Itatiaia; SP., Edusp, 1980, p. 145-153.
- 16 GREENBLATT, Stephen, "Columbus runs aground: Christmas eve, 1492", *op. cit.*, p. 13.
- 17 GINZBURG, Carlo, "Sinais: rafzes de um paradigma indiciário", in *Mitos, Emblemas, Sinais. Morfologia e História*. SP., Companhia das Letras, 1989.
- 18 HOLANDA, Sérgio Buarque de, "Caminhos e Fronteiras", RJ., José Olympio ed., 1957.

onde a astúcia do indígena é transferida e introjetada no sertanejo, astúcia vital para a própria fixação e expansão. Repito a questão: trabalhar com fragmentos, com vozes distantes, com pistas, indícios e sinais não é o próprio ofício do historiador?

Em sua análise do discurso de Colombo o senhor observa o que denomina de uma união peculiar entre piedade e cobiça, entre o desejo do ouro mas também a salvação de Jerusalém. Em seu outro artigo já citado o senhor conclui que "É característico do discurso de Colombo reunir ações, atitudes ou percepções que parecem eticamente incompatíveis, tomando... tudo com uma mão, e dando tudo com a outra."<sup>19</sup>. Ora, parece-me que esta união, a nível de discurso, de polos aparentemente antagônicos não representa uma artimanha do próprio discurso, uma transmutação e sim a própria realidade do período, notadamente das formações ibéricas cristãs onde a sociedade rigidamente estamental e cristã começa a ser tensionada pela mercantilização. Assim, honra, fé, prestígio e cobiça são elementos de um mesmo discurso pois são também elementos de uma mesma realidade, de um mesmo projeto: o projeto hierárquico-estamental-cristão<sup>20</sup> onde o outro tem que ser ou submetido – é o caso do indígena na América Latina e também no Brasil<sup>21</sup> – ou expulso, como o senhor aponta no caso da queda de Granada e da expulsão dos judeus da Espanha, acontecimentos ocorridos no mesmo ano da viagem de Colombo – 1492. Daí em Colombo ser nítida a união entre ouro e cristandade, a busca de vantagens pessoais e para os seus soberanos; a salvação pessoal e nacional, o triunfo da cristandade através da salvação de Jerusalém<sup>22</sup>. Esta união representaria o que o senhor denomina de imperialismo cristão cuja tarefa retórica seria a de "juntar conversão de bens e conversão espiritual"<sup>23</sup>.

É neste contexto também que devemos entender a reversão dos significados em Colombo onde o salvamento transmuta-se em salvação e a tragédia (o naufrágio) passa a ser vista enquanto triunfo – os índios inocentes

19 GREENBLATT Stephen . "Columbus runs aground: Christmas eve, 1492", *op. cit.*, p. 10: "Maravilhosas possessões", *op.cit.*, p. 50.

20 Veja-se Luiz Koshiba, *A Honra e a Cobiça*, tese de doutoramento, exemplar mimeografado, SP, FFLCH/USP, 1988, cap. II.

21 Não importa que os desígnios dos jesuítas, colonos e Metrópole fossem diferenciados em relação ao indígena, importa que seu móvel final era o mesmo: a submissão do gentio da terra.

22 GREENBLATT Stephen, "Columbus runs aground: Christmas Eve, op. cit., p. 27

23 GREENBLATT, Stephen, "Maravilhosas possessões", *op. cit.*, p. 51.

seriam salvos de seus opressores mas a grande graça seria realmente a descoberta do ouro?<sup>24</sup>

Finalmente, em relação à temática do maravilhoso, ponto central de seu artigo na revista Estudos Históricos: como entender este conceito? Como se transita do assombro, do "heart-stopping" para o conhecimento do outro e para a própria conquista?

Estou utilizando o termo conquista não de maneira impune, o que me leva à última questão que gostaria de formular. Atualmente, no bojo do quinto centenário dos descobrimentos há toda uma discussão onde se sugere, e às vezes se impõe o termo "Encontro de Civilizações" ao invés de Conquista, ou mesmo de Descobrimentos. Garry Wills ironiza este debate ao afirmar: "Os nativos não tiveram que encontrar a América. Eles nunca a perderam – até que os alienígenas reivindicaram tê-la encontrado"<sup>25</sup>. É a mesma acepção que hoje norteia as atitudes "politicamente corretas", onde os indíos são denominados de americanos nativos e os negros de afro-americanos. Não lhe parece que esta substituição de termos, eu diria de conceitos, não traz em si uma exorcização do passado, tarefa que atenuaria o próprio prolongamento dialético com ele?

---

24 GREENBLATT, Stephen, "Columbus runs aground: Christmas Eve, 1492, op. cit., p. 22,25-26.  
25 WILL, Garry, "Man of the year", op. cit, p. 15.